

## **A VISIBILIDADE DA POSIÇÃO DE MULHERES ESPORTISTAS A PARTIR DE HASHTAGS NO INSTAGRAM\***

**Caterine de Moura Brachtvogel**

*cati-mb@hotmail.com*

**Maria Simone Vione Schwengber**

*simone@unijui.edu.br*

**Cauana Peyrot Conceição**

*cauanapc@hotmail.com*

**Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)**

### **RESUMO**

No artigo tratamos da posição de mulheres esportistas e suas atuações no Instagram. A partir da aplicação do método não-probabilístico em perfis abertos num período de 110 dias, buscamos entender a utilização de hashtags como forma de aparição e visibilidade das mulheres nos esportes. O uso de hashtags possibilita a aparição e circulação de corpos de mulheres realizando práticas esportivas e corporais em espaços públicos, numa luta pela validação de suas práticas e escolhas de vida.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*mulheres; esportes; rede social*

## **REDES SOCIAIS DIGITAIS, MULHERES E ESPORTES**

As redes sociais digitais estão presentes na vida dos sujeitos, e são utilizadas das mais diversas formas. Tomamos as redes sociais digitais como pedagogias culturais educativas (BALISCEI, 2014), e compreendemos que as aprendizagens culturais esportivas se constituem a partir da interação e integração entre os sujeitos e as redes. A internet e as redes possibilitaram a criação de um ambiente comunicativo a nível global, de distribuição e produção de conteúdos e temáticas; e estas operam conjuntamente, constituindo o que Sylvestre (2013, p. 84) chama de “[...] democratização do discurso [...]”.

\* O presente trabalho contou com apoio financeiro da CAPES.



Nessa perspectiva o traço de natureza social do discurso exerce a função de uma “política discursiva”, que é reativada a cada nova nomeação, exercendo uma produção discursiva de circulação, ampliação e divulgação (FOUCAULT, 2004). Por isso entender as complexas relações das nomeações que compõem as comunidades de fala, dos corpos marcados pelos enunciados, é também preocupar-se com o lugar do sujeito no emaranhado desta complexidade.

Os sujeitos passam a assumir diferentes posições decorrentes dos discursos e enunciados que incorporam. Os enunciados pertencem a domínios de memória e se materializam em culturas, como aqui a cultura esportiva, e se relacionam com outros num campo de memória. É com base nos enunciados das redes sociais digitais que podemos pensar o sujeito, a saber, que esse sujeito nunca é o mesmo de um enunciado para o outro, e que pode assumir diferentes posições numa série de enunciados.

Desta forma Schwengber, Brachtvogel e Carvalho (2018) destacam que na contemporaneidade há um espraiamento da cultura corporal e esportiva a diferentes campos discursivos, e justamente por isto a esfera esportiva tem sido potencializada como a produção de um sujeito esportivo. Os domínios de memória nos permitem então, traçar uma história das mulheres nos esportes. A sua inserção nas práticas esportivas foi um tanto quanto lenta. Primeiramente apenas tinham acesso às ‘práticas esportivas femininas’ um grupo de mulheres de classe social elevada, e secundamente, sua participação era para melhorar a sua capacidade de maternidade, bem como produzir uma geração de mulheres fortes, ativas e saudáveis capazes de gerir filhos saudáveis para a pátria (FARIAS, 2012).

Apesar das práticas serem parcas, a saída da mulher do espaço privado do lar para a dimensão pública das práticas esportivas, nos clubes e espaços de lazer começaram a gerir práticas próprias das mulheres: começaram a participar de competições, desde que fossem nos esportes femininos<sup>2</sup>. Os esportes coletivos de contato, como futebol e rúgbi, e as práticas de atletismo (corridas longas e maratonas) eram expressamente proibidos para elas.

Mesmo com variadas restrições as mulheres foram conquistando seus espaços nas práticas corporais e esportivas. Apesar da discursividade no país querer constituir sujeitos esportivos, esse movimento é vagaroso, se pensar nas mulheres em comparação aos homens. Nem todas tiveram ou tem a mesma oportunidade de se inserir em práticas esportivas. Como afirma Goellner (2005), o esporte ainda é uma prática considerada como masculina, em diversos âmbitos. Os homens estão em maior número, por exemplo: em posições de técnicos e representantes esportivos em clubes profissionais; no jornalismo esportivo; nos espaços públicos esportivos. A inserção das mulheres tem se dado de forma gradual, estamos saindo do que Goellner (2005) chama de “zonas de sombra”, para ocuparmos espaços de representatividade.

Questionamos: Como a utilização de hashtags por mulheres pode se constituir na produção de visibilidades? Diante disso, escolhemos como objeto de discussão teórica um grupo de hashtags<sup>3</sup> esportivas no Instagram, realizamos um acompanhamento via método não-probabilístico num período de 110 dias, e buscamos entender a utilização de hashtags como forma de aparição e visibilidade das mulheres nos esportes.

## HASHTAGS ESPORTIVAS COMO POLÍTICA DE APARIÇÃO

No contexto dito acima, hoje a hashtag passa a constituir a materialização e a união de coletivos de mulheres, independente do contexto, ganhando vozes e corpos (HOLLANDA, 2018). Há uma nova geração



<sup>2</sup> Ginástica, natação, tênis, dança e passeios ao ar livre eram os exercícios indicados para manter a “natureza feminina” e a maternidade segura, o que garantia o cuidado do lar, do marido e dos filhos.

<sup>3</sup> A hashtag é a união de palavra-chave (tag) e o sinal gráfico de uma cerquilha (#) e tem como finalidade criar categorias de produção, a partir de palavras-chave, com assuntos e pautas momentâneas, buscando adquirir visibilidade em determinado fluxo comunicacional, num grande número de mensagens compartilhadas no dia-a-dia. As hashtags também viram hiperlinks dentro das redes e são indexáveis pelos mecanismos de busca nas redes.



política de mulheres que vem ocupando diferentes espaços públicos para reivindicar seus direitos sobre a vida, sobre o circular, sobre o aparecer. Para Hollanda (2018) a quarta onda do feminismo é marcada pelo feminismo em rede.

Pensar os corpos esportistas de mulheres que se apresentam nas redes sociais digitais, e se unem umas as outras via hashtag, e participam de esportes nos espaços públicos, é potencializar a resistência de se constituir numa condição de mulher esportista. A posição e a condição esportista assumida na rede e na vida pessoal anseia a luta conta a precariedade do sujeito, na qual o “[...] o corpo que está exposto, exibindo seu valor e a sua liberdade na própria manifestação, representando pela forma corpórea da reunião, um apelo ao político” (BUTLER, 2018, p. 23-24).

Os olhares e postagens de outras mulheres podem assonar a ideia das hashtags, produzindo um eco, uma rede discursiva, um coletivo: uma manifestação corpórea destacada por Butler (2018). Assim, apresentamos abaixo o quadro das hashtags esportivas acompanhadas:

**Quadro 1.** Amostragem das hashtags esportivas no Instagram

Hashtag	Número de postagens públicas (12/12/2018)	Número de postagens públicas (31/03/2019)
#Mulheresquetreinam	1.100.000	1.320.272
#Mulheresquecorrem	200.000	222.000
#Mulheresquelutam	71.000	79.339
#Mulheresquetreinampesado	38.600	44.306
#Mulheresquepedalam	38.300	48.600
#Mulheresquemalham	35.000	40.600
#Mulheresqueescalam	24.600	26.700
#Mulheresquetreinamcomestilo	6.724	7.089
#Mulheresquetreinamtododia	1.389	1.967
#JogaQueNemMulher	1.295	1.411
#Mulheresquetreinabraço	907	1.025

**Fonte:** os autores (2019)

Notamos uma crescente nas postagens no período acompanhado, umas com mais expressão do que outras, mas o intuito aqui é justamente entender a rede discursiva esportiva que está se criando no Instagram. Essa apresentação nas redes sociais digitais e nas ruas configura um novo movimento de pertencimento ao espaço público. Há uma reinserção desses corpos nas diversas manifestações, e pensamos como uma potencialização política essa emergência discursiva, que é nutrida pela associação entre corpos, redes, ruas e espaços públicos. As hashtags por vezes passam a representar os movimentos, servindo de suporte na produção de novas narrativas políticas.

Essa aproximação entre grupos de mulheres apresenta dois pontos: o primeiro é a horizontalidade das integrantes, ou seja, o que é priorizado é ação do coletivo e não de cada mulher; e o segundo é a constituição de uma linguagem política que se faz pela performance e pelo uso do corpo como ferramenta expressiva (HOLLANDA, 2018). Esses corpos apresentados sinalizam para corpos no exercício performativo do direito de aparecer, numa demanda corporal por um conjunto de uma vida mais vivível (BUTLER, 2018).

É uma nova forma de ação política na materialização de ideais de uma performance discursiva e corporal. Os discursos que também se idealizam e potencializam nos corpos das mulheres produzem uma narrativa de empatia e sororidade, nas quais o coletivo ganha destaque, numa performance de narrativa pública. Trata-se de uma condução política e ética da constituição de uma mulher esportista que cria



alianças e reivindica para si a esfera pública, numa insistência pública de existir e ter importância, numa batalha de um corpo que é discurso, numa condição de reconhecimento.

Ao utilizarmos o gênero como uma categoria analítica, para pensarmos a constituição de mulheres esportistas, é necessário entender o gênero como um ato de inscrição cultural (BUTLER, 2016), pois não “[...] se trata de saber que sentido essa inscrição traz em si, mas sim que aparato cultural organiza esse encontro entre o instrumento e o corpo, que intervenções são possíveis nessa repetição ritualística” (ibidem, 2016, p. 251). Nisso, os corpos esportistas marcados pelas hashtags, são representações plurais.

Longe de concluir nosso pensamento, é importante repensarmos os discursos e os atos de fala, para que possamos entender o que é feito e o que é realizado por determinados tipos de representações corporais, “[...] os corpos reunidos ‘dizem’ não somos descartáveis, mesmo quando permanecem em silêncio” (BUTLER, 2018, p. 24). As postagens e as hashtags nisto apresentam os corpos, ecoam numa polifonia de alteridades esportivas.

As hashtags podem produzir consequências sócio-políticas e reatualizar as relações de forças entre os que enunciam, os ouvintes e os leitores. Ao destacarmos as diversas hashtags que se apresentam em rede, potencializamos a esfera do olhar, como destaca Hollanda (2018, p. 46) “[...] experiências em primeira pessoa, tornadas públicas na rede, passam a afetar o outro”. Isso produz visibilidade para as mulheres esportistas, além de que os corpos que circulam nas redes e nos espaços públicos demonstram que as mulheres esportistas tem validade de aparição.

## **THE VISIBILITY OF THE POSITION OF WOMEN SPORTS FROM HASHTAGS IN THE INSTAGRAM**

### **ABSTRACT**

In the article we discuss the position of women sportsmen and their performances in Instagram. From the application of the non-probabilistic method in open profiles in a period of 110 days, we sought to understand the use of hashtags as a form of appearance and visibility of women in sports. The use of hashtags enables the appearance and circulation of women's bodies performing sports and body practices in public spaces, in a struggle to validate their practices and life choices.

**KEYWORDS:** *women; sports; social network.*

## **LA VISIBILIDAD DE LA POSICIÓN DE MUJERES ESPORTISTAS A PARTIR DE HASHTAGS EN EL INSTAGRAM**

### **RESUMEN**

En el artículo tratamos la posición de mujeres deportistas y sus actuaciones en Instagram. En la aplicación del método no probabilístico en perfiles abiertos en un período de 110 días, buscamos entender la utilización de hashtags como forma de aparición y visibilidad de mujeres en deportes. El uso de hashtags posibilita aparición y circulación de cuerpos de mujeres realizando prácticas deportivas en espacios públicos, en una lucha por la validación de sus prácticas y elecciones de vida.

**PALABRAS CLAVES:** *mujer; deportes; red social.*



## REFERÊNCIAS

- BALISCEI, J. P. *Os artefatos visuais e suas pedagogias: reflexões sobre o ensino de arte na escola*. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FARIAS, C. M. *Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes, 1932-1979*. 2012. 246 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, 143-151, abr./jun. 2005. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- HOLLANDA, H. B. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SCHWENGBER, M. S. V.; BRACHTVOGEL, C. M.; CARVALHO, R. S. Espriamento discursivo da cultura do fitness na contemporaneidade. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1167-1178, out./dez. 2018. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/83071>>. Acesso em: 08 jan. 2019.
- SYLVESTRE, A. P. M. *O Eu e o Outro online: Discurso, Poder e Identidade nas Redes Sociais*. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

